



Data: 16.11.2020

Titulo: O PERIGO DAS MARTAS

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

 QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11;12;13

O PERIGO DAS MARTAS

“A Dinamarca está a matar 17 milhões de martas e há quem tema que não se consiga travar uma nova pandemia

“Se se confirmar o pior cenário é péssimo, terrível”, diz Manuel Carmo Gomes, epidemiologista

“Se, por acaso – e isto é um grande se –, se confirma que esta variante do vírus não pode ser contrariada pelas vacinas que estão neste momento em desenvolvimento, isso é gravíssimo”

// PÁGS. 10-13



Área: 2749cm² / 63%

FOTO Titragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 6991643



Data: 16.11.2020

Titulo: O PERIGO DAS MARTAS

Pub:



QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11;12;13

Covid



B ZOOM // **A MUTAÇÃO QUE ARRIS MATAR A VACINA**

Área: 2749cm² / 63%

FOTO Titagem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 6991643



Data: 16.11.2020

Titulo: O PERIGO DAS MARTAS

Pub:



QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;10;11;12;13



Área: 2749cm² / 63%

FOTO Titragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 6991643

SCA

A Dinamarca está a abater dezenas de milhões de martas no país, depois de encontrar uma mutação da covid-19 que arrisca comprometer a eficácia das vacinas. “É um grande se”, salienta Carmo Gomes, que critica a inação da OMS. “Fiquei com uma sensação de déjà vú”.

TEXTOS *João Campos Rodrigues*



Covid-19. Estamos a ignorar mais uma pandemia?

“Isto é um grande se”,
ressalva Carmo
Gomes, referindo-se à
mutação da covid-19
encontrada em martas.
“Consegue imaginar o
que seria as vacinas
não serem eficazes
contra esta variante e o
vírus propagar-se?”,
questiona. “O que
representaria?
Uma nova pandemia?”.

JOÃO CAMPOS RODRIGUES
joao.rodrigues@ionline.pt

Ainda nem saímos desta pandemia, já enfrentamos receios de outra. Num desenvolvimento que fez surpreendentemente poucas manchetes pelo mundo fora, foi encontrada uma variante mutante do SARS-CoV-2 em martas da Dinamarca, criadas para produção de peles. Isso em si não é novidade, os cientistas já encontraram centenas de mutações do vírus. Os alarmes soaram quando nos apercebemos que esta afeta o espigão da SARS-CoV-2, a pequenina peça de maquinaria viral que o torna tão eficiente a penetrar células humanas – exatamente aquilo que os nossos anticorpos, e todas as vacinas que estão a ser desenvolvidas, têm como alvo. Dias depois, sabia-se que dezenas de pessoas foram infetadas por esta variante do vírus na Dinamarca, que tem menos de seis milhões de habitantes e uns 17 milhões de martas; na semana seguinte, já se falava em centenas de casos.

“Se, por acaso – e isto é um grande se – se confirma que esta variante do vírus não pode ser contrariada pelas vacinas que estão neste momento em desenvolvimento, isso é gravíssimo”, alerta ao *i* o epidemiologista Manuel Carmo Gomes, professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL). “Imagine o que seria todas estas vacinas não serem eficazes contra esta variante do vírus, e o vírus propagar-se entre nós”, continua. “Consegue imaginar o que isso representaria? Uma outra pandemia”.

Entretanto, a Dinamarca já optou por um abate de martas à escala de industrial, matando dezenas de milhões de animais. Mas a ação das entidades internacionais face à ameaça foi tudo menos decisiva, lamenta o professor da FCUL. O último relatório do Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC, na sigla inglesa), divulgado quinta-feira, pedia “prevenção de infeções e medidas de controlo para trabalhadores

e visitantes de quintas de martas”, bem como testes aos animais, sem sequer mencionar o abate já em curso ou restrições de viagens, referindo que “estudos e investigações estão em curso para clarificar as possíveis implicações”.

“Portanto, reconhecem que, aparentemente, os anticorpos neutralizantes que nós temos para combater o vírus – nós, as pessoas que estão infetadas e desenvolvem anticorpos – não respondiam bem perante esta variante dos vírus que surgiu nas martas, o que é um sinal de alarme, mas que era necessária mais investigação”, afirma Carmo Gomes.



Manuel Carmo Gomes

“Fiquei um bocadinho com uma sensação de déjà vu em relação à atitude que a Organização Mundial de Saúde tem tomado”

“Acho que devemos ser proativos, já assistimos a demasiadas atitudes defensivas. Primeiro em relação às máscaras”





A Dinamarca, um dos maiores produtores de pelo, está a abater até 17 milhões de martas, após surgir uma mutação na Jutlândia do Norte

MORTEN STRICKERAPF

"Fiquei um bocadinho com uma sensação de *déjà vu* em relação à atitude que a Organização Mundial de Saúde tem tomado, junto com o ECDC – que está em geral alinhado com a OMS", considera. "Acho que devemos ser proativos, já assistimos a demasiadas atitudes defensivas. Primeiro em relação às máscaras: puseram em causa que as máscaras podiam ser úteis, depois recuaram e recomendaram as máscaras. A seguir em relação em relação aos aerossóis: puseram em causa que a transmissão por aerossol tivesse um papel importante, depois recuaram e reconheceram que era tão ou mais importante que as gotículas".

Já o Reino Unido, face à notícia da mutação na Dinamarca, optou imediatamente por fechar o seu corredor de viagem com o país, cancelar todos os voos dinamarqueses e obrigar os britânicos de regresso do país a fazer quarentena. "Em Portugal, nós normalmente estamos alinhados com o ECDC, mas creio que o Reino Unido fez muito bem. Porque se se confirmar o pior cenário – repito, se se confirmar – é péssimo, terrível".

Mas afinal, o que é que se sabe destas mutações? Aquela que chamou a atenção foi o chamado Cluster-5, encontrado em quintas na Jutlândia do Norte, a região mais a norte do país, que já foi posta sobre isolamento. Altera três aminoácidos e apaga duas partes do código genético dos espíngos, mas, até agora, não há grandes provas de que a mutação aumente o alastrar ou a gravidade da covid-19, lia-se num artigo da *Nature*, lançado este fim de semana, apelidado "análise à covid de martas mostra que as mutações não são perigosas – ainda".

Difícilmente é algo tranquilizador face ao quanto se desconhece tanto desta doença, avisa Carmo Gomes. "Nem sequer têm saído artigos científicos sobre o assunto, que eu tenha visto. Os cientistas estão a escrever semana a semana sobre o que vão descobrindo".

TRAGÉDIA ANUNCIADA Mesmo face ao dilema ético que implica o abate de dezenas de milhões de animais, não há grandes dúvidas quanto ao que é preciso fazer, mesmo entre ambientalistas e defensores dos direitos dos animais. "No nosso entender, não há nada a fazer quanto a esta questão", lamentou ao J. Francisco Ferreira, presidente da Zero. "É uma questão de saúde pública", explicou. "Agora, o que é obviamente questionável – e creio que isso é unânime do ponto de vista das organizações ambientalistas e de defesa dos animais – é esta lógica de criação de animais não para fins alimentares mas para utilização da pele".

"É absolutamente lamentável que ocorra esta situação, na medida em que ela podia ser evitada", acrescentou ao J. Inês de Sousa Real, líder parlamentar do PAN. "Estamos a falar de animais criados em cativeiro para a extração de peles, toda a sua vida foi condicionada para uma indústria completamente fútil".

Aliás, face às trágicas condições de vida destes animais, o seu abate em massa talvez nem seja a pior das opções, refere a líder parlamentar do PAN. "Se o abate ocorrer de uma forma mais ética e humanitária do que aquilo que normalmente acontece – para a extração do pelo estes animais são esfolados vivos – estamos a escolher entre métodos de abate menos dolorosos", lamenta.

"Estes animais não estão em condições de ser libertados porque viveram toda a vida em cativeiro. Ou se faz um esforço para ver se estes animais estão ou não infetados, para os que não estão possam ir para santuários ou espaços que os possam acolher... Mas dificilmente será isso que está em cima da mesa", considera Inês de Sousa Real. "É estarmos a discutir algo que era inevitável para estes animais, que era a morte".

"O desafio dos dias de hoje é reconvertermos este tipo de atividades para modos de produção sem recurso aos animais. Porque ninguém duvida do dilema ético profundo que é estarmos na iminência de ter abater estes animais".